

Apresentação

Mais um número da Revista Instante vem a lume. Não sem dificuldades, como todos os empreendimentos de 2020, reunimos aqui uma série eclética de artigos dedicada a *problemas* filosóficos.

No primeiro artigo, Marcos Érico de Araújo Silva aborda o problema do ensino de filosofia, particularmente da formação na licenciatura. Em verve provocativa, o autor questiona o senso comum do magistério filosófico, em que predominam o ensinável, a filosofia como objeto, como erudição. Lançando mão de Heidegger e inspirado por Lispector e Rosa, o autor defende um ensino de filosofia fundado na própria experiência filosófica, polemizando assim com algumas influências das ciências da educação no que diz respeito ao magistério de filosofia.

No segundo artigo, Miryam Moreira Protasio, valendo-se das contribuições de S. A. Kierkegaard, aborda o problema do *desespero* como enfermidade da existência. Compreendido como uma polêmica contra a própria condição existencial humana, o desespero é um fenômeno que se mostra na clínica psicológica e que, como tal, demanda do clínico uma nova perspectiva de abordagem do problema que diverge da visão comum a respeito da lida com a dor, com o sofrimento e com outras experiências humanas marcadas pela tensão e pela crise. Protasio defende que uma clínica psicológica que se afine com a compreensão de Kierkegaard sobre o desespero tem na paciência e no pacientar os seus elementos fundadores.

No terceiro artigo, Luís Gustavo Guadalupe Silveira aborda o problema da autonomia da arte a partir de um impulso dado pela noção de *campo artístico*, de Pierre Bourdieu. Como fio condutor do estudo, o autor serve-se de um ensaio de Charles Baudelaire intitulado *O pintor da vida moderna* e que foi dedicado ao trabalho do aquarelista e gravador Constatin Guys (1805-1892). Silveira mostra como o ensaio de Baudelaire oferece um rico material que nos ajuda a compreender a autonomização do campo artístico que caracteriza a arte moderna.

Por fim, apresento um artigo dedicado ao problema da verdade em Kant. Meu objetivo ali foi mostrar apenas que o problema da verdade é o mesmo problema ao qual a dedução transcendental das categorias pretende responder, qual seja: como conceitos *a priori* podem ser aplicados a objetos que nos são dados. Para tanto, faço um percurso que parte da formulação prévia do problema, exposta por Kant na carta de 21 de fevereiro de 1772 a Marcus Herz para logo em seguida abordar o que Kant, nos *Prolegômenos*, chama de “o problema de Hume”. No final, mostro como a questão recebe

uma nova formulação no §14 da dedução das categorias na *Crítica da Razão Pura*.

Espero que os leitores apreciem esta edição e que possam contribuir com o trabalho realizado pela Revista Instante por meio de acessos, citações e contribuições de artigos da área pelo site:

<http://novo.revista.uepb.edu.br/index.php/revistainstante/index>.

Boa leitura!

Ramon Bolivar C. Germano
Editor Responsável